

Eutanásia

1 – A mídia vem abrindo grande espaço para o debate sobre a eutanásia. Nota-se que hoje é encarada com alguma simpatia por muita gente. Como explicar essa mudança?

É lamentável. Embora condenada por todas as religiões, a chamada “morte branda” ganha espaço justamente porque as pessoas não estão levando a sério os princípios religiosos. Pensa-se muito em termos de imediatismo, sem cogitações quanto às implicações espirituais. Países que não a legalizam não têm grandes preocupações no sentido de evitá-la. Uma dose mais forte de anestésico e o paciente morre por “falência múltipla dos órgãos”, um eufemismo comum para esse assassinato consentido em nome da piedade.

2 – Quais as conseqüências para o Espírito?

Enfrentando uma morte que não tem nada de branda, porque é um ato de violência, o Espírito situa-se geralmente em estado de torpor no plano espiritual, com maior dificuldade de adaptação. Por outro lado, estará interrompendo o cumprimento de seu carma, já que não é por acaso que enfrenta uma agonia prolongada.

3 – Há dois termos que entram hoje no debate sobre a eutanásia. O primeiro é a distanásia. Poderia falar algo a respeito?

Trata-se da morte lenta, com grande sofrimento. É usado hoje para caracterizar a utilização de aparelhos que suprem deficiências orgânicas. Discute-se se seria lícito desligá-los, quando se trata de um paciente terminal, alguém com câncer disseminado por exemplo, sem nenhuma possibilidade de recuperação.

4 – Não seria uma maneira de ajudar o paciente a cumprir o seu carma?

É comum vermos a família ao redor do leito do moribundo, orando, vibrando, torcendo para ele não morrer, a sustentar artificialmente o corpo, apenas prolongando a agonia. Algo semelhante fazem os aparelhos, retardando o embarque de alguém com a passagem marcada para o retorno.

5 – E quanto à ortotanásia?

Seria a morte sem sofrimento. Obviamente, se Deus colocou no mundo medicamentos para aliviar a dor, eles devem ser usados no paciente terminal, de maneira que possa morrer de forma mais tranqüila, sem tormentos para ele e para os familiares.

6 – E como fica o carma, o pagamento das dívidas?

Dizem os mentores espirituais que todos os sofrimentos decretados pela justiça divina são amenizados pela divina misericórdia, quando nos apresentamos para o resgate. Isso explica a presença de medicamentos para a dor no Mundo.

7 – Os efeitos colaterais de drogas potentes contra a dor podem apressar a morte. Não teríamos aqui uma eutanásia?

Sim. Por isso mesmo tanto a família quanto os médicos assistentes devem o cuidado extremo de usar medicamentos e doses que aliviem os padecimentos, sem efeitos colaterais passíveis de provocar a falência dos órgãos.

8 – Essas questões podem ser extremamente complicadas. Não seria razoável deixar nas mãos dos médicos?

De forma alguma! E se eles forem favoráveis à eutanásia? Evitando generalizações, já que cada caso tem suas particularidades, compete à família dialogar com os médicos, enfatizando que não se use excesso de medicação, capaz de provocar a morte do paciente ou de recursos tecnológicos que apenas prolonguem sua agonia. E, obviamente, entregar nas mãos de Deus, cultivando confiança e resignação, formando um ambiente que favoreça a assistência dos mentores espirituais, a definirem quando e como se dará o desenlace